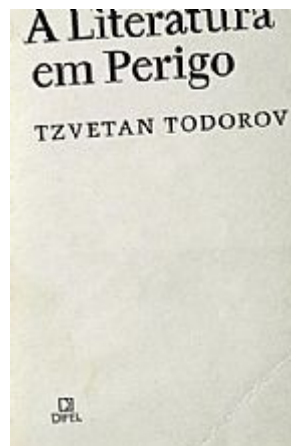


PENSAMENTO PRAGMÁTICO, INÚTIL LITERATURA:

A Crítica de Tzvetan Todorov

Guilherme Ribeiro



Resenha de *A Literatura em Perigo*, de Tzvetan Todorov. 4ª edição, Rio de Janeiro, DIFEL, 96p., 2012 [2007]. Tradução do original em francês: Caio Meira.

Búlgaro de nascimento, graduado em Letras pela Universidade de Sófia em pleno Socialismo Real, Tzvetan Todorov teve a chance de prosseguir seus estudos de pós-graduação em Paris. Corria o ano de 1963. Democracia. Liberdade. Ar livre. Passadas as dificuldades iniciais de adaptação à cultura e à língua francesas, três anos depois ele defendia tese de doutorado sob a orientação de Roland Barthes. Não é mero acaso, portanto, o esmero com as palavras, a narrativa simultaneamente leve e cativante, densa e profunda. Articulado com fluidez e habilidade *história, política e análise do discurso*, Todorov vem ocupando espaço de enorme relevância, fazendo ecoar, com propriedade e vigor, a voz do intelectual no âmbito da esfera pública, tal como podemos constatar em obras como *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações* e *Os inimigos íntimos da democracia* (TODOROV, 2010 [2008], 2012; RIBEIRO, 2011, 2014).

Desta vez, sua intervenção consiste no fato de que a literatura encontra-se em perigo. O prazer dela decorrente, a capacidade de criar novos mundos, personagens e situações os mais factíveis e os mais absurdos, provocando no leitor uma reflexão sobre a *condição humana*, são asfixiados por uma forma de abordar a literatura que a separa da vida e do

mundo, tomando-a apenas do ponto de vista discursivo, estilístico, estético. Segundo Todorov, discute-se com afinco as correntes, os gêneros, os métodos de análise, mas não o conteúdo, o sentido, o *drama da existência* que a literatura traz consigo.

Bem; Todorov não optou pelo caminho a seguir, embora pudesse tê-lo feito. Referimo-nos à classificação ou, com uma pitada a mais de eloquência, à *rotulagem* da literatura enquanto *ficção*. Eis um vocábulo que, em pleno século XXI, carece ser profundamente reformulado, sobretudo no que diz respeito à polarização que o associa à noção de *realidade*. Para nós, a origem desta forma de ver as coisas associa-se à proeminência da razão moderna no horizonte do pensamento europeu, engendrando, entre outras imagens, a dicotomia entre *ciência* e *arte*. Segundo tal raciocínio, a ciência explora a esfera do real; a arte, a do ficcional. A ciência é o domínio da razão; a arte, o da emoção. A ciência é resultado de estudo, concentração, análise, reflexão. A arte é produto do improvisado, do acaso, do descompromisso, do devaneio... Linhas de fronteira. Pensamento abissal. Territórios cindidos.

Saberes dispersos (SANTOS & MENESES, 2010; HISSA, 2011).

Mesmo fazendo enorme esforço para alcançar as respectivas “especificidades” da ciência e da arte, a tarefa parece, para dizer o mínimo, inócua, desnecessária. De imediato, o que surge em nós, fortemente, são as *semelhanças* entre uma e outra: um literato tentando dotar de coerência seu romance é a mesma operação intelectual de um geógrafo após um dia de trabalho de campo, onde reunirá suas impressões sobre o lugar, as paisagens e seus sujeitos. O labor de um músico a encontrar a melhor harmonia para sua canção não caracteriza operação intelectual diferente da de um historiador ao ensaiar, através das fontes, recuperar o passado. Uma destas fontes poderá ser, inclusive, a própria canção (cf. NORA, 1993 [1984]).

O pensamento dicotômico também é hierárquico e, não raro, pragmático. Ao invés de tentar reconstituir a unidade do mundo, esforçamo-nos por expurgar da reflexão aquilo que ignoramos ou que não nos convém. A arte incomoda a ciência, causa estranhamento. Logo, na maioria das vezes, a ciência faz, da arte, mera distração, entretenimento. É o caso de muitos “cientistas” no que concerne à literatura, por exemplo. Se a literatura continuar a ser observada apenas como ficção — e, decerto, muitos literatos fazem

“A literatura vai muito além da linguagem e da construção de um universo ficcional; ela é uma forma específica de leitura da vida social”.

questão de ratificar esta perspectiva —, e se a ficção permanecer absolutamente descolada da “realidade”, então insistiremos em uma leitura ingênua sobre a riqueza das *formas de exprimir o mundo*.

De nossa parte, sempre tivemos muita dificuldade em reconhecer tal separação. Embora não seja citado por Todorov e não aborde a literatura, mas a música clássica, o sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) nos legou testemunho preciosíssimo em *Mozart, a sociologia de um gênio* (ELIAS, 1995 [1991]). Questionando a noção de “gênio” e inscrevendo a obra do músico de Salzburg na conjuntura histórico-social do Antigo Regime, onde o artista possuía o mesmo *status* social de um bobo da corte ou um serviçal palaciano, Elias ensina que não existe produção intelectual que possa ser compreendida a contento fora da vida social. Evidentemente, isto é válido não apenas para a música, mas também para a pintura, a escultura, o cinema, a literatura e, claro, para a ciência.

A argumentação de Elias reforça a crítica de Todorov perante a tese de que “a literatura não mantém ligação significativa com o mundo, e que, por conseguinte, sua apresentação não deve levar em conta o que ela nos diz do mundo” (p.45). Resgatando as raízes desta interpretação, Todorov retrocede ao nascimento da estética moderna (capítulo terceiro), passando pelas Luzes (capítulo quarto) até chegar ao Romantismo e às vanguardas do século XX (quinto capítulo). Sua intenção é analisar o percurso intelectual que conduziu à autonomização da beleza, da estética e da obra de arte. Em uma frase, trata-se da *arte pela arte* (p.57 e p.62). Nesse sentido, dois movimentos assumem relevo: na Europa do século XVIII, isola-se o aspecto estético dos demais, “instituindo-o como encarnação de uma única atitude, a contemplação do belo, atitude ainda mais admirável por tomar seus atributos de empréstimo ao amor de Deus” (p.49). Duzentos anos depois, com o impacto das teses nietzscheanas e as vanguardas abstracionista na pintura e futurista na poesia, produz-se a “ruptura decisiva” (p.66).

Ao enfatizar que a literatura está em perigo, Todorov deseja chamar atenção para sua inscrição social, cultural, histórica, política, geográfica. Ela é um discurso engendrado pela relação do escritor com o mundo e, ao ser apropriada por estudantes, intelectuais, professores, jornalistas e pelo público em geral, assume uma forma particular de *intervenção* neste mesmo mundo. A literatura vai muito além da linguagem e da construção de um universo ficcional; ela é uma forma específica de leitura da vida social.

Em um artigo sobre o conceito de *geohistória*, uma passagem sobre Ilhéus faz com que o historiador francês Fernand Braudel rememore sua temporada no Brasil destacando, ao lado do diálogo com o geógrafo alemão Otto Quelle, o cacau e o suor presentes na literatura de Jorge Amado (BRAUDEL, 1997 [1941-1944]). Em seu denso e clarividente livro *Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)*, Luciana Murari passa em revista o pensamento de Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Visconde de Taunay, Graça Aranha e outros revelando que, na produção “literária” de tais autores, emergia um projeto político, territorial, *civilizador*, para o Brasil (MURARI, 2009). No suntuoso *Histórias locais/projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*, o argentino Walter Mignolo situa a literatura como parte essencial tanto no discurso de constituição dos modernos Estados Nacionais quanto no imaginário geopolítico eurocêntrico. Em uma perspectiva semelhante a de Todorov, Mignolo sinaliza que “É o próprio conceito de literatura, como as conceitualizações filosóficas e políticas da língua, que deveria ser deslocado da idéia de objetos (isto é, da gramática da língua, obras literárias e história natural) para a idéia de linguajamento como prática cultural e luta pelo poder” (MIGNOLO, 2003:310 [2000]).

Enfim, sustentar que a literatura está *em perigo* é reconhecer e contestar o fracasso de parte das ciências humanas, a força de uma leitura pragmática de mundo e a separação ciência-arte, sacramentada e ainda em vigor entre nós.

Referências Bibliográficas

BRAUDEL, Fernand. Géohistoire: la société, l'espace et le temps. In: BRAUDEL, Fernand. *Les ambitions de l'histoire*. Édition établie et présentée par Roselyne de Ayala e Paule Braudel. Paris : Éditions de Fallois (1997 [1941-44]).

ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (1995 [1991]).

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *Conversações: de artes e de ciências*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG (2011).

MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, Pensamento Liminar e Saberes Subalternos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG (2003 [2000]).

MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)*. São Paulo: Alameda (2009).

NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo (10), dez. (1993 [1984]).

RIBEIRO, Guilherme. Democracia sob suspeição. (Resenha de *Os inimigos íntimos da democracia*, de Tzvetan Todorov). *Confins* (Paris), n.20 (2014).

RIBEIRO, Guilherme. Cultura e política: lições de análise (Resenha de *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*, de Tzvetan Todorov). *Estudos Avançados*, vol. 25, n.71, jan/abr (2011).

SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*. 6ª ed. São Paulo: Cortez (2010).

TODOROV, Tzvetan. *Os inimigos íntimos da democracia*. São Paulo: Companhia das Letras (2012).

TODOROV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros. Para além do choque das civilizações*. Petrópolis: Vozes (2010 [2008]).

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL (2012 [2007]).